

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**COMUNIDADE AGROVILA: HISTÓRIA(S) DE MUDANÇA, SONHOS,  
ORGANIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE (1997 A 2007)**

**TEFÉ/AM**

**2016**

**Mara dos Santos de Lima**

**COMUNIDADE AGROVILA: HISTÓRIA(S) DE MUDANÇAS, SONHOS,  
ORGANIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE (1997 - 2007)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Estudos Superiores de Tefé - CEST-UEA, como pré-requisito para a obtenção do título de graduado em História.

**Orientador: Profa. Dra. Cristiane da  
Silveira**

**TEFÉ/AM  
2016**

### **FICHA CATALOGRÁFICA**

LIMA, Mara dos Santos de. **COMUNIDADE AGROVILA HISTÓRIA(S) DE MUDANÇAS, SONHOS, ORGANIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE (1997-2007)**.2016. Monografia de conclusão de graduação em História. Universidade do Estado da Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Tefé.

**Palavras-chaves:** comunidade Agrovila, moradores, trajetória de vida.

**Mara dos Santos de Lima**

**COMUNIDADE AGROVILA: HISTÓRIA(S) DE MUDANÇAS, SONHOS,  
ORGANIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE (1997 - 2007)**

Monografia aprovada pela Comissão Julgadora da Universidade do Estado do Amazonas do Centro de Estudos Superiores de Tefé, como pré-requisito para obtenção do título de Graduação em História.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Orientadora Dra. Cristiane  
(Universidade do Estado do Amazonas)

---

Membro: Prof. MESC. Yomarley Holanda  
(Universidade do Estado do Amazonas)

---

Membro: Prof. MESC. Tiago F. Santos  
(Universidade do Estado do Amazonas)

*Dedico este trabalho a minha mãe Arlete Oleriano dos Santos, ao meu pai Cosme Alves de Lima, que não está mais entre nós, mas permanece vivo em meu coração e ao meu filho kago Gabriel Lima de Macedo. Esses foram a minha verdadeira razão por ter continuado esta caminhada.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado vida e saúde e forças para vencer mais uma etapa da minha vida,

À minha mãe Arlete Oleriano pelos conselhos e por sempre torcer por mim, às minhas irmãs queridas Daniela Lima, Rucicléia de Lima e Suzana de Lima, sempre parceiras e fieis.

Ao meu filho kayo Gabriel agradeço pela paciência nos momentos que estive ausente nas horas de estudo, minha fortaleza e minha razão por não desistir.

Às minhas eternas amigas Eunice Parente, Valdinéia Fernandes e Gleyce silva pela força nos momentos difíceis. A vocês minha eterna amizade e gratidão.

À minha orientadora Cristiane da Silveira pela ajuda, paciência e incentivo nos momentos difíceis, pois se não fosse ela talvez eu não teria continuado com este tema. A você meu eterno carinho e gratidão.

Aos moradores da comunidade Agrovila Antônio Carlos, Anilta inhumá, Maria Áurea, José Inucencio, Manuel Gelsom, Antônio Amorim e Jazima pela recepção acolhedora e disponibilidade durante as entrevistas.

Aos meus professores do curso de História por ter compartilhado seus conhecimentos. Em especial ao Yomarley Holanda pela contribuição neste trabalho

Enfim, a todos que me ajudaram direta ou indiretamente, meus sinceros agradecimentos.

*“O caminho se faz caminhando”*

*MORAN (2005)*

## **RESUMO**

O presente trabalho investiga a trajetória de vida dos moradores da comunidade Agrovila e busca (re) construir o seu processo de formação, resgatando a história de sujeitos que são muitas vezes esquecidos pela história dita oficial. Durante este trabalho buscou-se investigar o cotidiano dos moradores através das suas falas, buscando contextualiza-las no contexto geral das comunidades rurais. Para o desenvolvimento deste trabalho utilizamos como metodologia: a) levantamento bibliográfico sobre o tema em estudo; b) entrevistas realizadas com os moradores da comunidade Agrovila; c) Atas das Assembleias realizadas pelos moradores. O recorte se deu entre os anos 1997 a 2007, recorte escolhido por ser o período de formação e transformação da comunidade Agrovila.

Esse trabalho possibilita conhecer a trajetória de vida dos moradores e o processo de formação da comunidade Agrovila. A investigação demonstrou que os moradores da Agrovila tiveram transformações significativas em suas vidas, pois conquistaram terra para trabalhar, casa própria, escola para os filhos e um meio de ter acesso constante à área urbana da cidade de Tefé.

**Palavras chaves: Comunidade Agrovila, moradores, trajetória de vida.**



## **Abstract**

The present work investigates the life trajectory of the residents of the Agrovila community and seeks to (re) build their formation process, rescuing the history of subjects that are often forgotten by the so-called official history. During this work we sought to investigate the daily life of the residents through their lines, seeking to contextualize them in the general context of rural communities. For the development of this work we use as methodology: a) bibliographic survey on the subject under study; B) interviews with the residents of the Agrovila community; C) Minutes of the Assemblies held by the residents. The cut occurred between 1997 and 2007, a cut chosen as the period of formation and transformation of the Agrovila community.

This work makes it possible to know the life trajectory of the residents and the process of formation of the Agrovila community. Research has shown that the residents of Agrovila have had significant transformations in their lives, as they have conquered land to work, own house, school for their children and a means to have constant access to the urban area of the city of Tefé.

Key words: Community Agrovila, residents, life trajectory.

Partilhar esta tradução

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**INCRA** Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

**MEB** Movimento de Educação de Base

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
CAPITULO I - AGROVILA: UMA COMUNIDADE AMAZÔNICA .....	15
1.1 COMUNIDADES RURAIS: SUAS CARACTERÍSTICAS E O SEU SENTIDO VARIÁVEL .....	15
1.2 FORMAÇÃO DA COMUNIDADE AGROVILA E SEUS SUJEITOS: HISTÓRIAS QUE SE CRUZAM.....	17
1.3 A CULTURA E O VIVER NAS COMUNIDADES AMAZÔNICAS.....	25
CAPÍTULO II: AS FORMAS DE SOBREVIVÊNCIA, TRABALHO E SOCIABILIDADE. ....	28
2.1 FORMAS DE ORGANIZAÇÃO E REGRAS QUE TRAÇAM O COTIDIANO NA COMUNIDADE AGROVILA.....	28
2.2 TRABALHO, SOLIDARIEDADE E COLETIVIDADE: O AJURI.....	32
2.3 O PROCESSO DE LIDERANÇA DA COMUNIDADE: DA PRELAZIA PARA O INCRA..	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXOS.....	

## INTRODUÇÃO

A partir de um olhar sobre a cidade de Tefé nasce a vontade de conhecer de perto as histórias das comunidades e povoados que estão localizados nos arredores da cidade. Entretanto a maioria delas estão localizadas muito distante do centro urbano, o que dificultaria o acesso. Para além desse fato são poucas as informações encontradas sobre seu processo de formação e história. Foi então que surgiu a ideia de estudar uma das comunidades mais próximas de Tefé, a comunidade Agrovila. Em relação ao período estudado, foi escolhido fazer uma análise do ano de 1970 a 2007.

A comunidade Agrovila está inserida em Tefé, numa distância de 8 km do centro urbano, localizada no Igarapé Açu ligada à área urbana por estrada. Além disso, a cidade possui algumas comunidades além da Agrovila que estão interligadas e fazem parte de sua história, entre elas estão Bacuri (no lago de Tefé), Nova Esperança (no lago de Tefé), Barreira da Missão (no rio Solimões) entre outros. Atualmente Tefé é considerado um dos mais importantes centros comerciais e está entre a cidade mais populosa da região do Médio Solimões.

O objetivo deste trabalho foi recuperar a(s) história(s) dos sujeitos – os moradores da Agrovila – que foram silenciados pela história dita oficial, ou seja, buscamos (re) construir o processo de formação da comunidade Agrovila a partir dos dados coletados trazendo a vivência de seus moradores, pois são sujeitos esquecidos pela história dita tradicional. Essa situação justifica a importância deste trabalho que busca recuperar o processo de formação da comunidade Agrovila e história desses sujeitos.

Para o desenvolvimento deste trabalho utilizamos como metodologia: a) levantamento bibliográfico sobre o tema em estudo; b) entrevistas realizadas com os moradores da comunidade Agrovila; c) Atas das Assembleias realizadas pelos moradores. O recorte se deu entre os anos 1997 a 2007. Recorte escolhido por ser o período de formação e transformação da comunidade Agrovila.

Para PORTELLI (2010) a história oral tem sido essencial para a construção da história das classes excluídas da história dita oficial, ou seja, dos trabalhadores, dos pobres, das mulheres, entre outras classes. Na atualidade a fonte oral tem alcançado reconhecimento na academia e transformou-se em base para a

realização de trabalhos que buscam dar visibilidade a sujeitos e lugares silenciados pelos discursos dominantes.

Para SILVERA e KIVANSKI (2011) a fonte oral é fundamental, pois complementa outras fontes e possibilita outras perspectivas de análise para os historiadores. “A história oral centra-se na memória humana e capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido”(SILVERA e KIVANSKI, p.92, 2011), ou seja, a história oral trás um novo modo de ver e reconstruir a história de maneira que ela não perca seu verdadeiro sentido.

Já HOBBSAWN (1998) argumenta que a construção da história a partir da visão do sujeito comum, ou como se popularizou, a história vista de baixo, começou a ser escrita por historiadores. Nesta perspectiva a história dos movimentos populares foi pioneira. No entanto, o autor elabora uma critica a história antes escrita, de cunho oficial, pois para ele era escrita para consolidar a história das classes dominantes, a opressão e o silêncio das ações dos sujeitos comuns.

Há alguns autores que abordam a importância dos registros da memória desses indivíduos comuns como documento histórico a partir de seu cotidiano. GOMES (2004) aborda a questão da memória do indivíduo em si, ele mostra que os registros de memória dos indivíduos são por descrição, do particular ou pessoal de cada um, divididos em partes comuns relacionando a seu cotidiano, entretanto essas memórias comuns possuem valores como documentos históricos, no qual “é um individuo como um sujeito voltado para si, para sua razão e sentimentos”.

LORIGA (2011), refere-se que a história é apresentada sem sujeito, onde as pessoas que são a própria história são mostradas como menos insignificantes, “os dois últimos séculos viram nossos livros de história abundar em relatos sem sujeitos: eles tratam de potências, de nações, de povos, de alianças, de grupos de interesses, mas bem raramente dos seres humanos (LORIGA, 2011, p.13).

Dessa forma, analisar-se-á um pouco da história de alguns moradores da Agrovila como a da Anilta Inhuma da Silva, José Inucencio Borges, Manuel Gelson Cabral, Maria Aurea Tinoco da Silva, Antônio Carlos da Silva e Antônio Amorim, os moradores mais antigos da comunidade Agrovila, e chegaram à comunidade no início de sua formação, chegando de diferentes lugares e carregando uma bagagem de vida e cultura singulares.

Neste sentido, estruturou-se o trabalho da seguinte forma: o primeiro capítulo que possui como título “*Agrovila: uma comunidade amazônica*” buscou refletir sobre

as características das comunidades rurais amazônicas, especificamente, a Agrovila, no entanto, este capítulo se destaca por abordar e (re) construir as trajetórias de vida dos moradores e, principalmente, a formação da Agrovila.

O segundo capítulo intitulado “*As formas de sobrevivência, trabalho e sociabilidade*”, buscou investigar como os moradores se organizavam no seu cotidiano e, principalmente, como era realizado o trabalho na agricultura, e também como as ações da igreja católica – mais especificamente, da Prelazia de Tefé – influenciava no cotidiano dos moradores.

## **CAPITULO I - AGROVILA: UMA COMUNIDADE AMAZÔNICA**

Esse capítulo busca refletir sobre as comunidades rurais amazônicas, abordando suas diversidades e suas características, analisando também a trajetória de vida e os modos de viver dos moradores da Agrovila, dando ênfase no processo de formação da comunidade.

### **1.1 COMUNIDADES RURAIS: SUAS CARACTERÍSTICAS E O SEU SENTIDO VARIÁVEL**

Ao longo do tempo os estudos sobre as comunidades do Amazonas vêm sendo freqüentemente investigadas, Na atualidade houve um aumento significativo de autores que se dedicam a pesquisar as comunidades rurais. Assim, buscar-se-á nesse primeiro momento compreender o termo comunidade, a partir de autores que se debruçaram sobre esse tema.

Para WIGGERS (2012) foi sendo utilizado para caracterizar a pequenos grupos organizados em pequenas áreas rurais, sendo que neste espaço são estabelecidos laços de sentimentos e emoções. Esse mesmo espaço antes era designado como posto (indígena), povos tradicionais, caboclos, indígenas, entre outros.

As relações cotidianas são intensas e acontecem cara a cara, além disso, há algum nível de uma homogeneidade cultural, o que não se pode mais afirmar é o isolamento que nos deixam a parte das relações com o Estado e com outras comunidades (WIGGERS, 2012, p.36)

Uma característica marcante das comunidades atuais é o não isolamento, e tem-se isso presente quando se refere à comunidade Agrovila. Pois apesar de estar localizada distante ou afastada da área urbana de Tefé, não está totalmente isolada.

GERBER (2012) aborda que o conceito de comunidade está agregado à noção de território, pois nota-se que o território é entendido como um ponto de referência, levando em consideração afinidades, laços afetivos, parentescos, compadrios, união, ou seja, uma rede de relação de pessoas.

Nessa perspectiva a categoria comunidade construída pelo autor possibilita compreender a comunidade Agrovila, pois ela possui território próprio de um grupo de pessoas, que compartilham as mesmas regras, as mesmas formas de organizações, o mesmo espaço, o mesmo modo de vida e o mesmo sentimento de

pertencimento a uma dada comunidade, ou seja, um sentimento de pertencer a um local.

Aprofundando nessa discussão, recupera-se OLIVEIRA (2012) que define comunidade como um espaço que necessariamente constrói uma rede de sentimento de pertencimento, de proximidade e de territorialidade. O autor ressalta que o termo comunidade é rico em significado, pois ao utilizar esse termo se faz necessário uma explicação do sentido aplicado à localidade, unidade residencial, associação política e outros.

Para WAGLEY (1998) na comunidade os indivíduos comuns compartilham da mesma cultura, dos mesmos aspectos relacionados à economia, religião, política entre outros aspectos. Esses grupos sociais compartilham de histórias de vida semelhantes, esperanças, anseios e regras, mantendo seus costumes e suas crenças.

Nessa perspectiva o autor cita alguns aspectos que são facilmente identificados nas histórias dos moradores da Agrovila, como, por exemplo, a trajetória de si deslocarem de várias comunidades e iniciarem o processo de construção da comunidade Agrovila, compartilhando sonhos, trabalho, entre outros:

Nas comunidades existem relações humanas de indivíduo para indivíduo e nelas, todos os dias, as pessoas estão sujeitas aos preceitos de sua cultura. É nas suas comunidades que os habitantes de uma região ganham a vida educam seus filhos, levam uma vida familiar, agrupam - se em associações, adoram deuses, tem suas superstições e seus tabus e são movidos pelos valores e incentivos de suas determinadas culturas. (WAGLEY, 1998, p.44)

Em uma comunidade o contato social e as relações acontecem diariamente e todos seguem regras e normas de condutas e convívio com o outro. O cotidiano na comunidade é vivido com muita intensidade, assim os moradores da comunidade Agrovila, possuem seus ensinamentos, seus bens e tentam passar para seus filhos, procurando educar seus filhos de acordo com seus preceitos, mostrando para eles que quando crescerem irá tomar seus passos morando e construindo um modo de vida singular, que é ser comunitário. No entanto alguns ainda preferem por tomar outros rumos buscando melhores condições de vida em cidades grandes trilhando assim caminhos diferentes que os pais tiveram.



## **1.2 FORMAÇÃO DA COMUNIDADE AGROVILA E SEUS SUJEITOS: HISTÓRIAS QUE SE CRUZAM**

Neste tópico, buscar-se-á analisar a trajetória de alguns dos primeiros moradores da Agrovila, bem como o processo inicial de formação da comunidade. Para escrever essas histórias, privilegiar-se-á a trajetória daqueles sujeitos que talvez não sejam considerados como atores importantes para a sociedade moderna, ou seja, buscar-se-á conhecer a perspectiva da “história vista de baixo”. Os sujeitos atores desse processo de construção da Agrovila são indivíduos que escreveram páginas importantes da história de Tefé, no entanto, ainda continuam silenciadas. A intenção é recuperar o processo de formação da comunidade a partir da trajetória de seus moradores.

A história dos moradores começa bem antes de sua chegada à comunidade Agrovila, pois cada sujeito possui uma trajetória de vida singular. Para OLIVEIRA (2000), em relação à vivência em comunidade, todas as pessoas se conhecem, convivem diariamente, são solidárias, dividem o pouco que tem, (sobre) vivem sem se importar muito em acumular riquezas, mantendo uma íntima relação com a natureza, à exuberância da floresta e o azul do infinito.

As histórias de Maria Áurea, Antônio Carlos, José Inucencio, Anilta Inhuma, Josué Inucencio, Antônio Amorim e Manuel Gelson, moradores da Agrovila, se entrelaçam com a da formação da Agrovila, a partir do momento que decidiram morar na comunidade esses sujeitos, que habitavam diferentes lugares do Médio Solimões, às margens do rio, em pequenas comunidades ribeirinhas, resolveram se colocar um novo desafio: ser os primeiros moradores da comunidade Agrovila.

Em seu lugar de origem esses sujeitos dependiam exclusivamente dos fazendeiros – donos de grandes extensões de terras – que tinham melhores condições de vida e exploravam o trabalho de quem não possuía terra. Muitos trabalhavam arduamente para os fazendeiros e recebiam como pagamento comida e moradia. Esse sistema é explicado por heranças deixadas na era da borracha, a qual ficou enraizada na população amazônica.

OLIVEIRA (2000) argumenta que depois do “boom” da borracha veio os pontos negativos deixados por essa era, um deles foi que o ciclo da borracha não ajudou na melhoria da renda da população local que continuou pobre:

A forma de exploração da força de trabalho teve reflexos na espacialidade das vilas e povoados surgidas com a exploração de látex [...] Aquela é o resultado da concentração de renda, da ganância, da riqueza para uns poucos e da miséria e morte para muitos. O resultado foi que a renda própria dos residentes, além de muito inferior a renda interna era obtida de um elevado custo social e humano, mal distribuída num regime predatório da força de trabalho (OLIVEIRA, 2000, p.201)

O autor faz uma crítica à exploração dos empregados pelos patrões, que eram submetidos aos trabalhos de exploração nos seringais, ficando os lucros apenas para uma minoria privilegiada, esta forma de exploração teve forte influencia nas vilas e povoados que mais tarde foram surgindo, que resultou na concentração de lucros para minoria e miséria para muitos povoados da Amazônia.

Os futuros moradores da Agrovila conviviam com uma triste realidade que era a falta de um lugar próprio, tanto para morar, como para trabalhar. Entretanto, essa realidade começa a se transformar a partir de ações da Igreja Católica, na década de 1970, tendo como um dos grandes articuladores o Irmão Falco.

A formação da comunidade Agrovila se caracterizou por um projeto de agrovilas<sup>1</sup> que foi a distribuição de terras para ribeirinhos, com intuito de formar comunidades, sendo esta criada pela Prelazia de Tefé, dando preferência as famílias carentes que viviam às margens do rio Solimões.

Assim “por influência dos eclesiásticos foi constituído em Tefé, em 1974, o projeto Agrovila, destinado às famílias ribeirinhas vitimadas pelas sucessivas enchentes daquela década” (NEVES e GARCIA, 2012, p. 319). A partir desse momento, algumas famílias de agricultores ribeirinhos que moravam em áreas que sofriam constantes alagações, se deslocaram para a zona rural de Tefé, buscando melhores condições de vida.

Para Neves (2005) a Prelazia de Tefé teve forte influência na criação da comunidade Agrovila, exercendo atividades nas áreas rurais através das praticas do

---

<sup>1</sup> O projeto de Agrovila para PESSOA (2000) teve como objetivo distribuir terras. O desenvolvimento do projeto ocorreu a partir da atuação de Dom Joaquim. Ressalta-se que naquele momento a Prelazia de Tefé possuía grandes extensões de terras e que geravam grande despesa com impostos. Dom Joaquim loteou e doou as terras com intuito de incentivar a agricultura, criação de gado, produção de farinha, frutos e produtos agrícolas, enfim, uma vida melhor para os comunitários.

MEB<sup>2</sup>, este movimento foi reconhecido pelas inúmeras atividades realizadas pelos catequistas da Prelazia de Tefé, com o objetivo de ajudar tanto a população ribeirinha como as pessoas de pouco poder aquisitivo.

Este movimento é responsável por inúmeras ações tanto na área urbana como nas áreas rurais, ações que são vistas na área da saúde, educação, organização comunitária, entre outros. Os objetivos do MEB não era apenas ajudar na melhoria da renda dos necessitados, mas alfabetizar aqueles que não sabiam ler e escrever.

Irmão Falco<sup>3</sup> foi o articulador para da formação inicial da Agrovila, de acordo com Martins e Nascimento (2012) procurou organizar os moradores carentes numa comunidade, a partir da união de todos. Na visão do padre era necessário o fortalecimento comunitário para a melhoria das condições de vida em que se encontravam.

A partir deste momento, buscaremos (re) construir as trajetórias dos moradores da Agrovila a partir de suas lembranças e memórias. BOSI (1994) aborda que a lembrança é a permanência do passado, que sobrevive no espírito do ser humano, que esboça na consciência na forma de imagens-lembrança. No entanto, as lembranças surgem ou aparecem, mas como uma reconstituição do vivido.

Para BOSI (2004) a função da memória é manter o conhecimento do passado, que se estrutura, determina o tempo e estabelece cronologicamente cada acontecimento durante toda a vida do ser humano. Neste contexto, a memória torna possível a ligação entre o presente e o passado, no qual pela memória o passado não só vem à tona, mas mistura-se com a percepção vivida na atualidade.

Nessa perspectiva a memória torna-se um espaço reservado que vai crescendo a cada momento da vida e determinando a experiência que é adquirida ao longo do tempo. Ou seja, a memória é uma reconstituição da mental, trazendo consigo uma representação do passado.

---

<sup>2</sup> O Movimento de Educação de Base (MEB) foi instalado no início da década de 1960. O MEB apresentava-se como instituição paralela às ações missionárias e ao quadro de agentes catequistas, seus agentes educacionais estimulam a constituição de diretorias de clubes comunitários, clubes de mães, cooperativas, associações e sindicatos. (NEVES, 2005, p.124)

<sup>3</sup> Para Martins e Nascimento (2012), o irmão Falco (Petrus Michiels) foi o fundador da Agrovila, era missionário pela congregação do Espírito Santo, viveu intensamente sua vocação, se dedicando ao serviço e assistência aos povos pobres e necessitados.

Nesse contexto seguir-se-á as narrativas dos moradores da comunidade Agrovila, Ressalta-se que a relação entre a memória do passado e o presente está sempre presente em sua narrativa, reforçando as suas lembranças e estimulando a sua memória, pois na perspectiva de ALENCAR (2010) nem tudo que é vivido é lembrado.

Para se conhecer as trajetórias dos moradores e da formação da comunidade Agrovila é preciso recorrer à memória dos seus comunitários mais antigos. Esses são os porta-vozes dessa história até agora não escrita, mas que agora serão reveladas.

Anilta Inhumada da Silva foi uma das primeiras moradoras da comunidade chegou há 30 anos. Hoje ela está com 60 anos de idade, aposentada, mas ainda trabalha na agricultura, cultivando sua roça. Entretanto, antes de chegar na comunidade, ela habitava a comunidade do Ingá. Veio para a Agrovila com objetivo de melhorar suas condições de vida. Com ela veio seu marido e seus três filhos, ainda pequenos. Sua opção se deu, pois, onde morava a vida não era fácil, não tinha casa própria e nem terras para trabalhar:

Eu vim do Solimões do Ingá, há trinta anos atrás, veio também porque lá não era nossa propriedade. Lá era um castanhal, mas não podia desmatar a gente só trabalhava na agricultura e na roça. Aí as coisas foram ficando difícil, não dava, mais para trabalhar. Aí estavam doando essa terra aqui. Aí a gente veio pra cá, eu trouxe três filhos e aqui eu tive mais quatro filhos. (Anilta Inhumada da Silva, entrevista concedida em 14/05/16)

Devido às condições ruins onde dona Anilta morava buscou melhoria em outro local, aumentando ainda mais sua família e logo ela foi se adaptando:

Quando viemos do Ingá pra cá, pegou um barco que vem do Uarini e passa lá né, aí agente veio de barco, demorou quatro horas pra chegar a Tefé, de Tefé pra cá agente veio de canoa, porque não existia estrada. Hoje eu vejo carro passando toda hora, aí, aonde que antes vinha carro aqui, só era por canoa, as vezes agente chegava de noite pra trazer um rancho daqui era um sacrifício, aí agente ia lá pra beira carregar as coisas. (Anilta Inhumada da Silva, entrevista concedida no dia 14/05/16)

Nesse relato a moradora relembra como foi difícil chegar à comunidade, vieram de longe parando em outro município para depois chegar a Tefé, vindo de barco e canoa, se sacrificando para chegar aqui. Quando chegou ao centro urbano de Tefé iniciou outra caminhada, pois não tinha estrada até o local onde seria formada a Agrovila, pois não havia estrada, o trajeto era realizado pelo igarapé. Entretanto, na visão de Dona Anilta as dificuldades enfrentadas valeram a pena, pois adquiriu sua casa e terra própria. Ao chegar à Agrovila o comunitário, além de

ganhar um terreno, também pegava emprestado da Igreja uma cabeça de gado da Prelazia, que depois de um espaço de um ano retornado para a Prelazia, isso era a base inicial para recomeçar sua vida, podendo conquistar outros postos. Como foi o caso da própria Dona Anilta:

Eu fui escolhida para ser agente de saúde, fui agente de saúde durante 27 anos. Agora é que tem uma técnica, porque comecei a ficar doente de diabete e aí eu disse que não queria. Mas meu trabalho era visitar as famílias, a prelazia doava os remédios por mês, fazia os cursos dos primeiros socorros, também tinha conhecimento de remédios caseiros, xarope agente fazia e colocava nos vidrinhos e dividiam com as mães, os pacientes que era picado de cobra, era na hora que agente mandava para Tefé e acompanhava o paciente. Por esse meu trabalho a Prelazia dava uma gratificação durante três anos, depois nos conseguimos ser contratadas pelo estado e receber nosso salário [...] Eu acho que a comunidade me deu uma boa vida porque pelo menos tinha escola para os meus filhos [...] Gosto daqui porque o ar é, mas puro aqui tudo é calmo (Anilta Inhuma, entrevista concedida no dia 14/05/16).

A fala da moradora conta um pouco da trajetória de sua vida, lembrando seus trinta anos na Agrovila. Percebe-se que a mesma foi agente de saúde da comunidade, cuidando dos seus vizinhos e também recebendo por seu trabalho pela Prelazia ou, posteriormente, pelo Estado. Essa colocação ajudava a melhorar sua renda mensal. Na comunidade Agrovila sua vida melhorou, pois conquistou um posto de trabalho, uma casa, escola, e, principalmente, um lugar tranquilo para criar seus filhos.

José Inucencio Borges com 64 anos, morador da comunidade há quarenta anos, sempre trabalhou na agricultura e ainda trabalha, veio de Juruá até a comunidade em busca de melhor qualidade de vida. Quando chegou à comunidade era solteiro, chegando aqui conheceu sua esposa e formou uma família com 6 filhos, conhecendo novos amigos e futuros vizinhos:

Eu vim de Juruá. Quando eu cheguei aqui já tinha morando aqui, eu vim de lá solteiro, tava com um ano que tinha começado a Agrovila, eu morava lá em Juruá com meus irmãos e minha mãe, antes aqui tinha muita festa e aqui eu casei com minha mulher [...]. (Jose Inucencio Borges, entrevista concedida no dia 14/05/16)

Observa-se que seu José foi morar na Agrovila quando ela já estava formada, antes ele morava em Juruá com sua mãe e seus irmãos. Em uma festa da Agrovila conheceu sua mulher e que com ela teve seus 6 filhos. Este morador foi um caso raro, pois era solteiro, e no início do processo de formação da Agrovila só poderia morar na comunidade famílias já constituídas. “A convivência com os vizinhos era boa, nos se repartiam as coisas quando agente matava um gado ou porco era um pedacinho pra

um, pedacinho pra outro”. (Jose Inucencio Borges, entrevista concedida no dia 14/05/16)  
 Seu José tinha uma harmoniosa convivência com os vizinhos, sendo que a solidariedade entre eles foi a forma que os moradores encontraram para vencer as adversidades impostos pela natureza:

Eu tenho 6 filhos todos moram aqui a maioria foram casando aqui e ficando por aqui mesmo, aqui a minha vida é melhor , porque lá no Juruá eu cortava seringa eu saía muito cedo da noite uma hora , duas horas da noite ai eu tinha medo de ser pegado por um inseto desse né de noite sozinho num escuro desse por ai , as vezes eu levava meu irmão mas ele cochilava nas árvores das seringueiras, lá eu vivia da seringa , as vezes vendia bicho de couro como capivara, tirava o couro para vender e vendia aquelas bolas de seringas que dava 100 kl 50 kl, para ganhar 30,20 reais, mas era uma vida sofrida na roça é serviço pesado, mas pelo menos é melhor ne. Você só vai de dia e só vai quando quer, e a seringa tinha que ir de dia e de noite e se você não for perde aquele dia e não ganha nada. Aí eu cortava a árvore deixava aquele copo à tigela imbicada na madeira, às vezes quando a chuva caía não colhia nada, essa vida era muito ruim eu vim buscar uma vida melhor aqui, a minha irmã veio para cá, e depois mandou um aviso no rádio e disse que aqui era bom de viver, eu vim embora pra cá, mas eu tava devendo 500,00 reais para o patrão, naquela época era muito dinheiro ai eu vi a hora ficar doido. Mas graças a Deus eu paguei [...] (José Inucencio, entrevista concedida no dia 14/05/16).

Nota-se que antes de vir para a comunidade seu José era um seringueiro, trabalhava na seringa e na caça de couro de animais, por ser uma vida bastante sofrida que com seu trabalho mal dava para comprar comida ele resolveu, por incentivo de sua irmã vir para a comunidade da Agrovila buscar melhores condições de vida. Apesar de ser um trabalho na roça ele ainda achava melhor que na seringa, pois além de ser um trabalho sofrido era perigoso ao sair de madrugada para cortar a seringa apesar de tudo, conseguiu se livrar da dívida do seu patrão e aqui formar uma nova família, Logo criou seus filhos que quando cresceram foram se casando e construindo suas famílias e casa na própria comunidade Agrovila.

Eu paguei a divida tirando Sova, era uma árvore que dá leite, ai eu comprei uma canoa e uma espingarda, ai eu peguei meu irmão e vim só nós dois com umas coisinhas poucas na canoa e viemos baixando o rio até que chegamos em Alvarães. Viemos de Juruá até Alvarães vindo remando, ai de lá peguei um rebocador pra vim para Tefé porque não sabia onde era, ai eu cheguei aqui e mandei colocar aviso no rádio para encontrar meu irmão, ai eu fui lá no mercado vê se conhecia alguém ai lá encontrei minha irmã e meu cunhado tive sorte , ai eles foram lá com irmão Falco conseguiu um terreno para mim La na agrovila ai eu vim aqui ver pelo igarapé , longe e ainda tava no matagal ai pensei , meu Deus aonde é que vou me acabar agora ... (Jose Inucencio Borges, entrevista concedida no dia 14/05/16).

Neste trecho o entrevistado, mostra um pouco de sua trajetória que veio a remo, com muita dificuldade, sem pelo menos conhecer o lugar onde ia ficar apenas com a esperança de um lugar próprio, logo percebeu a distância e as dificuldades,

mas não o intimidou, tanto que continuou na sua jornada e até hoje mora na comunidade Agrovila.

O entrevistado Manuel Gelson Cabral também é um dos moradores antigos da comunidade Agrovila, com a profissão de agricultor, também esta a mais de 30 anos morando na comunidade vindo do município Maraã:

Vim de Maraã a remo de canoa morei um tempo em Tefé, um tempo no Quaid, quando cheguei aqui tudo era mata , eu morava lá perto do barranco do igarapé, ai quando agente veio pra cá só tinha, mas era que homem as mulheres ficava lá em Tefé até ajeitar as casas fizemos as casas depois que nos trouxemos nossa família , quando arranjei mulher tinha 35 anos, minha mulher era lá de Sansão acima de Alvarães, tive 7 filhos, a minha esposa faleceu, todo eles casaram e arranjaram marido e família aqui mesmo, eu consegui um terreno aqui através do meu irmão. (Manuel Gelson, entrevista concedida no dia 14/05/16)

Nota-se na fala que seu Manuel foi um dos moradores que ajudou a construir as casas, ele chegou aqui com sua mulher e filhos, que foram criados e casaram na comunidade mesmo, apesar da morte de sua esposa seu Manuel ainda continua morando na comunidade e de certa forma cuidando de seus filhos

Eu vim solteiro pra cá, ai aqui arranjei mulher aqui ai nos casaram na igreja, porque na época tinha à prelazia né, que arranjavapara nós casar, os padres diziam que tinham que casar não podiam só ficar junto ainda morei junto com ela, e depois casei. (Manuel Gelson, entrevista concedida no dia 14/05/16)

Observa-se que seu Manuel também é um dos únicos moradores que chegou à comunidade solteiro, sendo que a maioria já eram casais, no qual a igreja incentivava bastante as famílias ao casamento na igreja, pois a religião prega que seus fieis sejam casados para receber a benção de Deus, onde a prelazia era que dava assistência nesses casos

Na agrovila encontrei uma vida melhor porque já trabalhei muito por ai, essas terras tudo foi derrubado com machado. Ai o asfalto chegou no mandato do Eduardo Braga. (Manuel Gelson, entrevista concedida no dia 14/05/16)

Dessa forma, seu Manoel encontrou na comunidade Agrovila uma vida melhor e segurança para criar seus filhos e alimentar sua família tendo como base de subsistência suas roças. Ele foi um dos que chegou a derrubar as árvores com machado e presenciou também a chegada do asfalto vindo muitos anos depois.

Eu vim da comunidade do Quaid, vieram 13 famílias de lá pra cá, viemos de lá porque a vida era mais difícil. O terreno não era dera dos fazendeiros, ai o padre Irmão Falco doou essas terras para nos quando chegamos aqui não

tinha nada só era mata cada um tinha sua terra e também tinha uma roça pra comunidade, essa roça era usada para comprar dizio e outros materiais para comunidade e até hoje os moradores plantam roça e vivem da roça (Manuel Gelson, entrevista concedida no dia 04 de fevereiro de 2015)

A partir da fala do senhor Manuel identifica-se que as famílias se reuniram e vieram para as terras doadas pela prelazia de Tefé, começando uma nova etapa de suas vidas, as 13 famílias que vieram para a formação da comunidade tiveram que se adaptar às dificuldades encontradas, pois as terras encontravam-se distante da área urbana, eram apenas mata, com passagem principal pelo Igarapé.

Entretanto, essas famílias enfrentaram as dificuldades e se reuniram para começar a trabalhar em prol da comunidade e uma vida digna, pois apesar de cada um ter lugar próprio para morar eles tinha roças para a comunidade em si, que serviam para comprar óleo dizio e materiais, no entanto para chegarem nesse local às pessoas tiveram que participar de reuniões e principalmente se deslocarem de seus lugares como mostra a fala de Maria Áurea:

Essa comunidade começa com 13 famílias, tinha gente de Juruá, de Solimões Quaid e Ingá, eu sou de Uarini, Irmão Falco colocou aviso no rádio, antes pediu permissão do Bispo se ele podia tomar conta da parte de terras da Prelazia e o bispo aceitou. Colocou aviso no radio e as pessoas que quiseram formar uma comunidade tinha que comparecer no dia 6 de abril em uma reunião no seminário. Ai todas as pessoas que não tinha terras para trabalhar ouviram no rádio e vieram para essa reunião e foi assim que começou. (Maria Áurea Tinoco da silva, entrevista concedida no dia 11 de fevereiro de 2015)

Assim, inicialmente, a Agrovila foi formada por 13 famílias, que ouviram na rádio o anuncio da reunião que aconteceria em Tefé para a doação das terras. Foram várias as famílias que se propuseram a essa nova empreitada:

Eu era da comunidade do Ingá então de lá viemos no mês de abril para uma reunião no seminário, viemos em 13 famílias ver as terras, estava tudo na mata, não tinha estrada e viemos pelo igarapé. Chegamos aqui, aceitamos a proposta e começamos a explorar só que a crise era muito grande, ninguém conhecia nada aqui para caçar. Foram desmatados 39 hectares no machado, algumas pessoas logo se desgostaram e foram embora. Quando se organizou irmão Falco falou para organizar uma diretoria, não tinha casa, não tinha nada, só tinha um barracão nosso perto da beira e começamos fazer as ruas manualmente e começamos a trabalhar. (Antônio Carlos da silva entrevista concedida dia 15 de fevereiro de 2015)

Desse modo, essa nova vida não seria tão fácil, sendo que havia varias dificuldades a ser enfrentada, como a distância, a falta de conhecimento do local, a falta de moradia, a dificuldade na alimentação e a falta de equipamento adequado para uma exploração do local, pois o machado ainda nessa época prevalecia por



esses motivos algumas pessoas até desistiram de morar na comunidade, onde os que decidiram ficar buscaram se organizar e se adaptar ao local.

Portanto, a trajetória de vida dos moradores trás consigo traços que marcam a história da comunidade, são histórias de vidas singulares, entretanto com características semelhantes como deixar seus familiares e buscarem construir novos laços de afetividade em outro lugar, até então desconhecido, assim também como os objetivos que são a busca por melhores condições de vida, são simples histórias que talvez não tenha nenhum valor, no entanto não podem ficar apagadas com o tempo.

### **1.3 A CULTURA E O VIVER NAS COMUNIDADES AMAZÔNICAS**

A Amazônia em sua importância contém além de uma população abundante uma floresta complexa e exuberante. Pode-se considerar a Amazônia um berço de belezas. A partir do século XIX foi considerada assim pelos europeus como um laboratório científico devido seus recursos, diversidade e complexidade de riquezas que a moldam de maneira extraordinária e imaginativa. Entretanto, nela habitam povos que possuem um modo de vida singular. Assim a Amazônia compreende o maior espaço territorial no Brasil, sendo caracterizada pela sua grandeza dos rios e florestas e suas populações miscigenadas.

PRAXE e WITKOSKI (2007) abordam sobre os modos de vidas dos povos amazônicos, onde as populações tradicionais possuem um modo de vida exclusivo, um relacionamento único e profundo com a própria natureza, dependendo e se acomodando com o que a natureza lhe oferece. “A comunidade é a minha vida, o bom daqui é a natureza, você convive com o meio ambiente, aqui tudo é natural, você entra na mata e tem outra visão”. (Antonio Carlos entrevista concedida 15/02/2015).

Neste sentido a comunidade Agrovila está localizada em meio à Floresta Amazônica, sendo que seus moradores estão essencialmente ligados, à floresta e à vida no campo. O viver de cada morador está entrelaçado ao modo de vida amazonense, sendo que um deles é caçar, pescar e trabalhar na roça, no qual todos esses modos de vida refletem na vida e no cotidiano dos moradores da Agrovila.

Em relação aos povos da região amazônica, os mesmos convivem com a floresta e os rios construindo um modo de vida e de onde tiram sua subsistência,

dentre esses povos estão os pescadores, os agricultores, os caçadores, no entanto, a comunidade Agrovila se destaca pela agricultura, os moradores cultivam suas plantações de mandiocas e criações.

A cultura amazonense em sua essência está ligada aos comportamentos, usos, costumes, tradições, hábitos entre outros, deixada pelos indígenas “a formação da cultura na Amazônia tem estado ligada à colonização e à economia” (BATISTA, 2006, p.68), no qual os colonizadores incorporaram sua civilização do tipo europeu nos modos de vida do índio, que mais tarde seria herdada e reconstruída pelo caboclo amazônico. Entretanto, BENCHIMOL (1999) afirma que apesar da cultura amazônica ter sofrido inúmeras transformações e formas de modernização cultural, a identidade amazônica e as peculiaridades regionais ainda se mantém viva até os dias atuais.

Neste sentido percebe-se que os moradores da agrovila possuem esses traços herdados, pois os mesmos convivem diretamente com a natureza e dela se mantém e usufruem da floresta e do Igarapé. No entanto, os moradores da agrovila sofrem varias dificuldades em meio o seu cotidiano, pois a comunidade localiza-se em área distante da zona urbana, onde ainda não tem estrada e nem luz e muitas vezes é preciso se deslocar pelo igarapé, “[...] era tudo cerrado, não tinha rua, e a maior dificuldade era a energia, e a água que era em cacimba tudo era mais difícil” (Antônio entrevista concedida em 11/12/2015).

Percebe-se que as dificuldades eram grandes, pois os moradores tinham que conviver com essa realidade, onde ter acesso à cidade de Tefé era um grande sacrifício “[...] logo no inicio era tudo mais difícil, agente carregava saca de farinha na costa daqui até a cidade. Não tinha estrada, era só um caminho” (Antônio Amorim, entrevista concedida 11/02/15). Neste momento os moradores ainda não tinham o ônibus publico como transporte, com isso eles tinham que possuir seu próprio transporte, como muitos deles não tinham condições de ter um, eles faziam toda trajetória caminhando.

Em comparação da Agrovila com as outras comunidades ela possui o padrão da maioria das comunidades rurais da Amazônia que é a falta de água tratada, atendimento médico, educação de qualidade, entre outros, essas carências que a comunidade sofre precisa de melhoria para assim facilitar a qualidade de vida dos moradores.

Ser morador da Agrovila é segurar sua própria vida, acima de tudo é pensar que na agrovila você tem terra para plantar e isso é importante e aqui nos temos um clima normal, um ambiente mais presente, é ter terra, ter sossego e viver a natureza (Antonio Carlos entrevista concedida no dia 15/02/15).

Vale ressaltar que apesar dos moradores enfrentarem várias dificuldades em seu cotidiano eles gostam de morar na comunidade, se sentem seguros, tranquilos e acreditam ter liberdade para preservar seus modos de viver, pois, muitos deles, não abre mão de morar na comunidade e assim se sentem pertencentes a comunidade. A Comunidade Agrovila permitiu que seus moradores adquirissem terra, casa e trabalho, trabalhar na sua roça o que garantiu a sobrevivência de uma forma mais digna.

## **CAPÍTULO II: AS FORMAS DE SOBREVIVÊNCIA, TRABALHO E SOCIABILIDADE.**

Neste segundo capítulo será realizado uma análise sobre as formas de organização da comunidade, caracterizando o cotidiano dos moradores, utilizando as atas das assembléias e principalmente o estatuto da comunidade, abordando sobre as roças e ajuris investigando as formas de solidariedade e sociabilidade existente entre os moradores. E por fim será averiguado como ocorreu o processo de mudança da prelazia para o INCRA.

### **2.1 FORMAS DE ORGANIZAÇÃO E REGRAS QUE TRAÇAM O COTIDIANO NA COMUNIDADE AGROVILA**

A organização da comunidade Agrovila iniciou-se a partir da Igreja Católica, através da Prelazia de Tefé, No entanto, agora abordar-se-á as formas de organização da comunidade.

Desde o começo da formação da Agrovila o estatuto estabelecia as regras, que deveriam ser cumpridas com o intuito de organizar os padrões e relacionamentos entre moradores, pois até o ano de 2007, a comunidade foi liderada pelos padres da Prelazia de Tefé. Uma das regras mais importantes da comunidade eram as reuniões realizadas todas as quartas-feiras, tratando de assuntos relacionados ao cotidiano da comunidade, e todos os moradores eram convidados a participar. Logo os que se destacavam nessas reuniões eram indicados para cargos de presidente, vice-presidente, secretaria, tesoureira e conselho fiscal. Entretanto, qualquer que fosse o assunto a tratar era resolvido e decidido junto com a participação dos moradores.

O Estatuto da comunidade previa, “[...] terá direito de se afastar ou sair da terra quando quiser, porém o seu afastamento do local é tolerado por um ano, não voltando, seu imóvel, será repassado para outro interessado em morar no local (Estatuto, p.5)” neste caso acontecia de algum morador viajar ou morar em outra localidade, deixando sua residência, mas os moradores logo tomavam providencia.

Em relação à entrada de pessoas que não pertenciam à comunidade, era controlada, pois, as pessoas que queriam entrar na comunidade para morar, era preciso comunicar na reunião e procurar acordo com os moradores, pois acontecia em muitos casos de pessoas estranhas entrarem na comunidade para morar sem

falar com o presidente ou com os moradores. No entanto, para fazer parte da comunidade à pessoa deveria se identificar e ser aceita pelos outros moradores. Essa realidade é facilmente identificada na fala da dona Anilta:

Antes de vir pra cá, a gente tinha que ter boa conduta... Boa conduta era respeitar o vizinho, naquela época tudo era reunião, pra tudo que fosse resolver tinha reunião, por isso que ninguém quebrava as regras, não podia entrar qualquer pessoa aqui, antes não podia entrar ninguém que não fosse católico (Anilta Inhuma da Silva, entrevista concedida no dia 14/05/16)

Dessa forma, essa regra fazia parte da convivência dos moradores, pois aquele que entrasse para morar na comunidade além de ter autorização da Prelazia tinha que obter a aprovação dos moradores. Primeiramente procuravam conhecer a pessoa, saber se tinha boa conduta, bons modos, entre outros. A aprovação se dava num Assembleia onde todos os comunitários participavam e aprovavam ou não o novo integrante.

Para os comunitários, boa conduta significava um sujeito que tivesse bons relacionamentos sociais, ou seja, deveria se mostrar a favor da união entre os moradores, não participar de brigas com o vizinho, concordar com as regras do Estatuto. Também era necessário ser católico e deveriam ter compromisso com a igreja. Como a organização da comunidade foi uma iniciativa da Prelazia de Tefé havia a exigência de ser católico. O catolicismo os faz se sentirem integrados e pertencentes a uma comunidade.

Outra regra do Estatuto era:

Respeitar o lote da terra do outro, não entrando para retirar produtos como frutas, madeira, etc., sem permissão do dono, criando seu animal no seu quintal, caso acontecer o responsável pelo ato prestará contas à comunidade com serviços, com valores, ou como a assembléia geral achar conveniente. (ESTATUTO, p. 6)

Esta regra incentivava os moradores a respeitar a propriedade do outro, sem usufruir de qualquer objeto sem o consentimento do proprietário. Cada morador tinha que respeitar o limite do outro, entretanto, muitas vezes tinham alguns vizinhos que acabavam invadindo o quintal do outro para retirar frutas, galinhas, patos o que gerava uma situação de conflito entre os moradores:

Cada um tinha que ter seu quintal, criar seu bicho, cada um no seu quintal, para não prejudicar seu vizinho. Se criasse um porcotinha que ser preso no seu quintal, não solto, para não mexer nada do seu vizinho. Antes era cercado com arame porque tinha pouca família. Uma vez aconteceu um caso de que um porco de um vizinho fugiu para o quintal do outro vizinho. Aconteceu é que o vizinho ficou com raiva do outro, mas foram se

resolver na conversa, ai um conversou com outro como tava na lei, o vizinho tinha direito de reclamar. (Manuel Gelson, entrevista concedida no dia 14/05/16)

Na fala de seu Manuel identifica-se como a lei se fazia na prática cotidiana. Quando acontecia alguma infração eram resolvidas pelos próprios vizinhos. Caso isso não acontecesse o tema seria discutido na Assembleia. As punições era multa para o vizinho, que seria paga em serviços para comunidade, mas sempre decidido na Assembleia. No entanto, é perceptível que ocorria alguns conflitos entre os comunitários, quando a lei era desrespeitada.

Todas as quartas feiras são tiradas para trabalhos comunitários previamente selecionados, o morador que faltar e não avisar o motivo será punido com pagamento de uma diária braçal à comunidade (ESTATUTO, p.6)

Na quarta-feira aconteciam os trabalhos comunitários e também as reuniões, nas quais eram tratados os assuntos como o trabalho comunitário, a limpeza, entre outros. Os moradores eram obrigados a participar de todas as atividades. Essa foi uma condição que a igreja impôs para os comunitários, pois perceberam que em conjunto os comunitários conseguiriam obter uma renda. O recurso era utilizado para ajudar na compra do óleo dízio, de equipamentos e de objetos necessários para a comunidade e também nas despesas com as festas de datas comemorativas como nos dias das mães, dia dos pais entre outros , a saber :

Na quarta feira a gente trabalhava para o gado e para a roça comunitária, ai o gerador de luz era mantido pela roça da comunidade ai fazia a roça pra vender a farinha para comprar dizio [...] Na quarta feira os homens iam para o campo e as mulheres iam para o clube, a gente fazia vassoura e usava o dinheiro para comemorar alguma data comemorativa [...] trabalhava toda quarta feira no campo de gado, e para ganhar uma cabeça de gado tinha que trabalhar, pra depois irmão Falco avaliar, se trabalhasse pouco ganhava uma bezerra e se trabalhasse muito ganhava uma cabeça de gado, ai depois de seis anos agente devolvia uma cabeça de gado para a prelazia, ai eles iam doar para outra comunidade do Solimões (Anilta Inhuma da Silva, entrevista concedida no dia 14/05/16).

Os moradores se reuniam toda semana, na quarta-feira para trabalhar para comunidade, esta era umas das regras centrais, pois dela dependia o funcionamento da comunidade, bem como contribuía para um maior entrosamento entre os moradores. Ao se juntarem para realizar o Ajuri consolidavam os laços de amizade, solidariedade e companheirismo. Essa atividade era motivada pela Prelazia tanto que eles tinham que trabalhar de acordo com as regras, para assim ganhar como incentivo uma cabeça de gado, a maioria deles se esforçavam para ganhar uma

cabeça de gado que mais tarde seria devolvido para Prelazia com outra cabeça de gado, isto era uma forma de empréstimo aos moradores, pois o gado como um começo de uma renda viável. Aquele que não trabalhasse além de pagar uma diária braçal para comunidade, era previsto ganhar apenas um bezerro que era menos viável que uma cabeça de gado. Entretanto essa era uma das formas da igreja incentivar a comunidade a trabalhos para que os moradores obtivessem meios para a sobrevivência.

Além dessas regras tinham outras que os moradores eram incentivados a cumprir, uma dessas regras era a proibição de bebidas alcoólicas na comunidade. Importante ressaltar que essa regra não constava no Estatuto, mas estava presente no cotidiano e na fala dos moradores.

Na época do finado Falco não podia beber, e nem entrar bebida aqui, só quando agente ia pra Tefé, por lá nos bebia e vinha bêbado de lá (risos). As vezes nós trazia um pouco na garrafa escondido, mas ele não gostava pra não ter negócio de brigas mesmo, o irmão Falco aconselhava. (José Inucencio Borges, entrevista concedida no dia 14/05/16)

Essa regra era uma forma de conter a desavença, a discórdia e a desunião entre moradores, pois com a bebida as pessoas ficam mais propensas às brigas e outras condutas consideradas inapropriadas pelos moradores. Entretanto, havia aqueles moradores que burlavam as regras e levavam bebidas para a comunidade e bebiam às escondidas. Os moradores eram proibidos de vender e consumir bebidas alcoólicas, mas nas falas dos moradores é perceptível que essa regra não era cumprida por todos os moradores. Em relação à ação da Prelazia de Tefé o morador comenta:

Tinha trabalho comunitário, tinha clube de mães, tinha clube esportivo, tinha clube de jovens, pastoral da criança. Tudo organizado pela Prelazia. Os próprios professores eram pagos pela Prelazia, nesse momento não tinha outra religião. Todo mundo era católico. Aqui eram respeitados os horários de dormir até 10 horas, [...] aqui há uma vida muito tranquila (Antônio Carlos da Silva. Entrevista concedida em 15/02/15)

A fala do morador mostra a ação da Prelazia que organizava a comunidade em todos os aspectos, desde as regras de convivência até educação e saúde, pois os professores eram pagos pela prelazia assim também como a agente de saúde, havia também as missas na igreja da comunidade, que era um incentivo para a comunhão comunitária. A Prelazia organizava os clubes como um suporte a mais para o aumento da renda dos moradores. Até o ano de 2007, a comunidade Agrovila

não tinha nenhum apoio das autoridades políticas local, estadual ou municipal. Era, praticamente, invisível, recebendo o apoio apenas da Prelazia de Tefé, que ajudava em todos os aspectos.

PRAXE, PEREIRA E WITKOSKI (2007) argumentam que a igreja católica, exerce um papel essencial na organização da vida social das populações ribeirinhas nas regiões do rio Amazonas, além de influenciar, organizava e desenvolvia as atividades religiosas. O resultado dessa organização e liderança se refletia na influência que a religião católica exercia na comunidade, seja no âmbito social, econômico, moral e ético.

Portanto, na análise das entrevistas e das Atas das Assembleias realizadas na comunidade identifica-se que na organização da comunidade os ideais morais e éticos católicos estavam sempre presente. Para além desse fato, a Prelazia de Tefé administrava e assistia os moradores no âmbito da saúde, da educação e incentivava o desenvolvimento econômico.

No entanto, ao impor as regras de convivência a Prelazia tirava dos moradores a liberdade de escolha sobre parte de suas condutas e de suas ações, o que muitas das vezes trazia conflitos, pois nem todos entravam de acordos com as regras do estatuto. Na fala dos moradores percebe-se que quando as regras eram quebradas, em alguns casos, ocasionava em conflitos e situações de constrangimento dos moradores perante os demais.

## **2.2 TRABALHO, SOLIDARIEDADE E COLETIVIDADE: O AJURI**

Estima-se que a floresta tropical amazônica é considerada o maior ecossistema florestal da terra, e a maior parte dos sujeitos que nela habitam tem sua sobrevivência baseada no que a floresta tem a oferecer. Neste sentido as populações da floresta amazônica criam estratégias de sobrevivência, assim como modos de vidas baseados na diversidade dos produtos naturais da floresta. (GAMA, 2009)

Dessa forma, grande parte da população da região amazônica vive da agricultura e da pesca. Na comunidade Agrovila essa realidade estava presente,



organizando a vida. Boa parte dos moradores cultivavam sua roça<sup>4</sup>, criações e plantações. Esse sistema de agricultura são heranças deixadas pelos antepassados:

A origem da agricultura amazônica está diretamente ligada aos indígenas, primeiros habitantes da região como conhecedores e detentores de uma rica herança sociocultural, estes povos são incorporados aos novos grupos sociais que se estabelecem através da ocupação da Amazônia (PRAXE, PEREIRA, WITKOSKI, 2007, p58.)

À medida que as comunidades vão surgindo, se estruturam a partir da herança da cultura indígena, assim como o modo de vida, conhecimento e prática da agricultura. Na Amazônia a agricultura está baseada no cultivo da mandioca, WAGLEY (1988) considera que a terra firme é a mais apropriada ao cultivo da mandioca, em relação às terras da comunidade Agrovila ela está situada em terra firme o que ajuda os moradores em questão das suas roças.

Para PRAXE, PEREIRA E WITKOSKI (2007) a Amazônia central, região que fica próxima ao rio Solimões contém duas ordens de paisagens, a saber, as terras firmes e várzeas. Na terra firme os solos não sofrem alagações, pois, normalmente a terra firme é localizada em áreas mais altas. Já as várzeas possuem solos que se renovam a cada ano devido às freqüentes alagações que ocorrem. Sendo assim, os moradores cultivam sua agricultura nas terras firmes sem se preocupar com devidas alagações, onde a cada ano cultivam produtos que são tanto para o consumo como para sua renda.

A comunidade leva todos os produtos produzidos aqui para vender em Tefé, as pessoas compram farinha daqui pra revender na feira de Tefé, com o dinheiro da farinha que compramos nosso alimento (Manuel Gelson Cabral. Entrevista concedida no dia 04/02/2015)

Na comunidade Agrovila uma principal base da subsistência era a agricultura, com a produção de mandioca e a comercialização da farinha. A farinha produzida era vendida no centro urbano de Tefé. Os moradores da Agrovila utilizam a feira municipal da cidade para a comercialização de seus produtos principalmente a farinha de mandioca, onde ela não pode faltarno prato dos moradores da Agrovila. Produto muito apreciado na comunidade.

---

<sup>4</sup>As roças são sistemas de uso da terra utilizado na Amazônia, sendo predominante o cultivo de espécies anuais utilizados principalmente para subsistência das populações ribeirinhas, nesses subsistemas a mandioca é o componente principal consorciado com outras culturas como, por exemplo, o feijão, o milho, o cará, a batata, as hortaliças em geral (PRAXE, PEREIRA, WITKOSKI, 2007, p70)

Em seu texto WAGLEY (1998) descreve o processo na fabricação da farinha de mandioca, que possui dois modos para o preparo da farinha de mandioca. Depois da mandioca descascada era retirado um líquido considerado venenoso. Depois era ralada e logo se extraía o suco dessa polpa. Transferia-se esse suco para dentro de um tubo longo e flexível, chamado de tipiti. A polpa era esticada para escorrer o líquido, removendo o suco através de uma prensa. Logo se passa a massa por uma peneira a fim de separar fibras e grãos, que é considerado grosso e não consumível, e, por fim, torra-se a massa em um forno à lenha.

O segundo método de produzir a farinha diferencia-se pelo modo de tratar a mandioca. Ela não é ralada e sim colocada em um riacho ou igarapé corrente no período de quatro dias, até que fique puba, com aparência amolecida e quase podre, após a casca é facilmente removida, extraíndo o suco, e finalmente a massa mole é peneirada e depois torrada.

Na comunidade Agrovila eram utilizados os dois métodos de preparo da farinha, dependendo de cada família. Esse processo de preparação levava um longo período que ia desde a roçagem, a plantação, a colheita e a preparação da farinha. Entretanto, na maioria dos casos os moradores buscavam ajuda dos outros moradores através do ajuri.

WAGLEY (1988) explica como ocorre o sistema do ajuri que são serviços prestados ao próximo em conjunto, organizando-se em grupos de trabalhos cooperativos para as tarefas do cultivo da mandioca entre outros serviços, o dono da roça ou de determinado sítio convida os moradores da comunidade, parentes próximos, os compadres, vizinhos e amigos.

A partir do convite o chefe da casa e dono da roça se responsabiliza por todas as despesas. O almoço é coordenado pela mulher do anfitrião junto com as mulheres dos convidados que auxiliam na preparação de um abundante almoço. O anfitrião agradece aos convidados pela ajuda, pois, nesse sistema de ajuri os trabalhadores não são pagos em dinheiro e sim é retribuído na mesma proporção de trabalho.

A gente vivia no sistema de ajuri, era dia trocado, eu o ajudava e ele me ajudava Pra mim ajuri significa trabalho, agente comunica antes que tal dia vai ser o dia do meu ajuri. Ai quando é naquele dia as pessoas vão. As despesas eram por conta de quem chamava alimentação, tudo era por conta da gente, Ajuri só era um dia, e ficava um dia inteiro, depois ia pra um e ia pra outro. Essa era a forma de dividir trabalho [...], até 2007 o sistema de trabalho era mais o ajuri. Do que eu mais gostava era a hora do almoço,

todo mundo se reunia, o pessoal conversava, todo mundo animado. (entrevista concedida 14/05/16, entrevistada Anilta Inhuma da Silva).

O ajuri acontecia constantemente na comunidade fazendo parte do sistema de organização e sociabilidade. O trabalho feito não era pago com dinheiro, sendo retribuído por uma troca de favores. Nesse sistema laços de solidariedade eram criados entre moradores, pois, o indivíduo deixava de fazer suas atividades para realizar a do outro, doando seu tempo e poupando o dinheiro do outro, e economizando de certa forma o seu, posteriormente seria ajudado da mesma forma. A convivência se tornava mais próxima, pois um dependia do outro.

Em relação à sociabilidade NASCIMENTO (2014) afirma que está ligada a natureza fundamental do ser humano, pois uma característica da sociabilidade é viver em sociedade interagindo de indivíduo para indivíduo, seguindo uma troca permanente de comunicação, interação, doação e entre outros.

Dessa forma as relações sociais dos moradores da Agrovila ocorriam por meio de articulações entre as relações de parentesco, vizinhança e, assim, todos os membros da comunidade consolidavam sentimentos de união e solidariedade a partir da experiência cotidiana na comunidade. Durante as atividades agrícolas realizadas pelos moradores foi identificada a solidariedade que ia desde a preparação da terra para o cultivo até a comercialização da farinha, ocorrendo aqui à comunicação, pois, “a comunicação é essencial para se viver em grupos e se relacionar”. (NASCIMENTO, 2014, p. 79)

Ressalta-se que quando fala-se de solidariedade, lembra-se no primeiro momento do vínculo com a religião, o amor ao próximo, a compreensão, a doação, a caridade e o cuidado com outro, entretanto seguindo em direção ao sociológico, ARON (2008) argumenta sobre as ideias de Durkheim, para Durkheim existem dois tipos de solidariedade que é a mecânica e a orgânica.

A solidariedade mecânica é explicada por Durkheim como uma sociedade que exerce há igualdade entre os indivíduos, os indivíduos possuem laços ou ligações semelhantes entre eles. Os laços de solidariedade mecânica são encontrados por terem os mesmos “valores”, sentimentos familiares, crenças, tradições, costumes, ou seja, as pessoas não se diferenciam. Para Durkheim a solidariedade mecânica valoriza a consciência coletiva, deixando de lado a consciência individual, para ele a solidariedade mecânica é dita das sociedades mais antigas ou até mesmo as comunidades indígenas.

Para ARON (2008) a solidariedade orgânica, ao contrário da mecânica a solidariedade orgânica se encontra numa sociedade que contém a divisão do trabalho, uma sociedade em que as pessoas se unem por causa da divisão do trabalho. Essa solidariedade é encontrada nas sociedades modernas capitalistas, para ele os indivíduos são muito diferentes e prevalece a “consciência individual”, “os indivíduos não se assemelham, são diferentes” (ARON, 2008, p.458).

Dessa forma, na comunidade Agrovila prevalecia a solidariedade mecânica, pois entre os moradores havia união, sempre procuravam pensar no coletivo e não individual, reunindo-se, realizando trabalhos em grupos sendo que seus costumes e tradições familiares eram semelhantes. Portanto, pode - se dizer que a solidariedade são laços de união entre os indivíduos, ela trás consigo o equilíbrio, a harmonia e a união entre os sujeitos, seja em uma sociedade ou pequena comunidade.

Vale lembrar que a sociabilidade não ocorreu somente nos trabalhos agrícolas feitos em grupos ou dentro do ambiente domiciliar, mas também, por meios dos eventos que aconteciam na comunidade como festas comemorativas, as missas que aconteciam aos domingos, festas religiosas, futebol, ajuris e entre outras atividades, que estavam conectadas às ações do cotidiano dos moradores.

Assim, a sociabilidade também era construída entre os moradores através das ações pontuais entre os vizinhos, como a pesca em companhia, a caça, a organização dos preparativos do festejo, prostrar com os vizinhos, ajudar nas roças, o doar um pedaço de peixe, uma xícara de açúcar..., entre outros.

As ações de sociabilidade eram necessárias entre os moradores, pois foi a partir delas que as relações eram reforçadas e as alianças eram formadas, não apenas entre as famílias, mas entre todos os comunitários. Portanto, a vida da comunidade Agrovila se caracterizava, sobretudo, pelo aspecto de dar e receber, ou seja, um ajudava o outro, que por esse era ajudado, construindo-se uma rede de solidariedade.

“Para ajudar o outro formamos ajuri, por exemplo, uma família quer plantar roçado e convida a outra família para ajudar, um ajuda com remédio, alimentação e roupa” (Maria Áurea Tinoco da silva, entrevista concedida no dia 11/02/2015), é notório que a solidariedade entre os moradores se dava através dos ajuris, assim também como a doação de alimentos, de remédio, de roupas e a preocupação com outro, o que fortalecia ainda mais a comunidade.

Aqui quando se fazia um trabalho era em conjunto, um trocava diária com outro, não se vendia açaí, farinha, era tudo dado, a comunidade viveu mesmo sem estrada uma vida em comunhão (Antônio Carlos da Silva, entrevista concedida em 05/02/15)

Percebe-se que a união prevalecia quando as famílias ainda eram poucas e as dificuldades os uniam, pois um ajudava o outro como mostra seu Antônio “aqui ninguém comprava qualquer alimento, a gente trocava um pouco de farinha com um pedaço de carne” (Antônio Carlos da Silva, entrevista concedida em 15/02/15). Assim os moradores se sociabilizavam entre si, ajudando através da troca de alimentos, pois nada era vendido, onde a solidariedade estava impregnada entre eles criando assim laços de afetividade e coletividade.

### **2.3 O PROCESSO DE LIDERANÇA DA COMUNIDADE: DA PRELAZIA PARA O INCRA**

No início da formação da comunidade Agrovila (1997), como já dito, as terras da comunidade pertenciam à Prelazia de Tefé. No entanto, essas terras geravam grande gasto para a igreja, por conta do imposto que deveria ser pago sobre a terra. No ano de 2017 a Prelazia resolveu repassar as terras da Agrovila para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), um órgão do governo federal. A partir desse momento a Agrovila deixa de ser uma comunidade privada, em termos – pois pertencia aos comunitários –, e passa a se transformar em um assentamento. O INCRA passou a administrar a comunidade, tendo em vista que possuía o controle das terras.

Os moradores que até então não pagavam nenhuma terra, passaram a pagar seu próprio terreno, uma taxa de 10 reais por mês, desde então as terras começaram a ser vistas pelo INCRA com interesse econômico e não apenas para a sobrevivência e geração de renda para seus moradores:

A comunidade até então era uma comunidade católica, muitocatólica, pois era comandada pelo Irmão Falco, perdemos irmão Falco, depois veio a ser comandada pelo Don Sérgio, onde essa terra ficou muito cara, pois a prelazia que pagava o imposto, aí teve um período, que essas terras foram passadas para a prefeitura na época da gestão do Téo Celani. Só que os quatro anos que o Téo passou ele não pagou nenhum imposto, quando veio em cima da prelazia, a prelazia quase vai a falência, depois tornou a voltar para a prelazia, foi quando foi repassado para o INCRA órgão federal, daí começou o assentamento, daí já não era, mas da prelazia, passou a ser do INCRA. (Antônio Carlos da Silva, entrevista concedida em 15/02/2015)

Com essa mudança a organização da comunidade deixou de ficar a cargo da Prelazia de Tefé e passou para o INCRA. Os moradores sentiram no seu cotidiano a mudança, pois o INCRA não se responsabilizou pelos serviços até então prestados à comunidade. No entanto, o INCRA apenas prometeu algumas ações que não foram cumpridas, como mostra a fala do morador:

O INCRA prometeu de fazer as casas que são de palha e de madeira tudo de ovenária, mais não temos muito apoio por parte do órgão, eu gostava e achava que era mais organizado quando era da prelazia (José, entrevista concedida 14/05/16)

Com a entrada do INCRA na comunidade, os moradores tinham perspectivas de mudanças e avanços, entretanto, logo eles ficaram insatisfeitos com as ações do INCRA, que não ofereceu apoio suficiente à comunidade. Assim, os comunitários e insatisfeitos os moradores tiveram opiniões diferentes da prelazia em relação à entrega da Agrovila para o INCRA:

Com o alto imposto à prelazia passou as terras para o INCRA, mas eu não concordo, isso era pra ela ter negociado com nós e loteado pra nós e nós pagava, era mais melhor quando era da igreja (Manuel Gelson entrevista concedida em 14/05/16)

Percebe-se na maioria das falas dos entrevistados que ficaram inconformados com a atitude do INCRA, pois até 2016 (o momento atual) o INCRA não prestava o apoio adequado aos moradores. A maioria dos moradores se sentiram abandonados pelos dois lados (Prelazia e INCRA) sem ter suas vozes, que reivindicava direitos, como na área econômica, da saúde e da educação. Os moradores precisavam de acompanhamento, incentivo e motivação para o desenvolvimento das atividades econômicas, assistência na saúde, no transporte e, principalmente, na moradia.

Vale ressaltar, que esse processo de mudança na comunidade foi se estabelecendo ao longo do tempo, e trouxe consequências significativas no cotidiano dos moradores. Muitos moradores lembram com saudade o tempo que a comunidade era administrada pela Prelazia. Eles direcionam suas exigências para o INCRA, mas sem respostas satisfatórias.

Portanto, a comunidade Agrovila passa por profundas transformações com o fim da administração da Prelazia de Tefé. Com isso as ações de solidariedade, o ajuri e o relacionamento entre os moradores foram sendo deixados no passado. Alguns dos mais antigos já faleceram, outros novos moradores já entraram para morar na comunidade, mas com hábitos e valores totalmente diferente dos antigos

comunitários. Assim, restaram apenas as lembranças dos antigos moradores que se entristeceram com a nova organização da Agrovila. A comunidade cresce a cada ano e nos dias atuais vem sofrendo invasões de pessoas à procura de terra para morar. A comunidade cresce tanto quanto a área urbana de Tefé. Pode-se dizer que futuramente ela não será apenas mais uma comunidade e sim tornar-se-á mais um bairro da área urbana de Tefé.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que as formas de vida em comunidade é muito peculiar, principalmente, quando se fala dos povos amazonenses que são influenciados pela beleza e exuberância da Amazônia. Assim esses povos possuem um modo de vida singular, vivendo e usufruindo da riqueza da floresta amazônica, tirando dela sua fonte de renda e subsistência.

As trajetórias dos moradores foram antes de tudo histórias que se entrelaçaram. A partir dessas trajetórias (re) construiu-se o processo de formação da Agrovila. Os moradores buscaram em suas memórias experiências vividas. Essas trouxeram à tona aspectos da formação da comunidade, bem como os modos de ser e viver dos comunitários. As experiências vivenciadas revelam laços de sociabilidade e solidariedade e, finalmente, de pertencimento a um local.

No que diz respeito ao Estatuto, que ditava as regras a serem seguidas, percebe-se que a maioria dos moradores aceitavam sem questionamento e também eram fiéis católicos. A Prelazia de Tefé aparece como um sujeito estratégico nessa história, organizando as ações da comunidade, entre elas, questões de saúde, educação, lazer e trabalho.

Percebe-se que a mudança de direção da comunidade Agrovila (que antes era da Prelazia de Tefé e passou para as mãos do INCRA, em 2007) deixou insatisfeitos os comunitários, pois preferiam a organização da igreja. A partir do momento que a comunidade passou a ser liderada pelo INCRA, começa a sofrer transformações drásticas nas regras de convivência. A igreja pregava a boa conduta, os valores e as crenças para os comunitários. Já o INCRA trouxe a idéia de “cada um por si”. Essa realidade impactou profundamente as relações de sociabilidade e solidariedade, até que passou a ser quase inexistente.

A vida cotidiana na Agrovila se fazia a partir da missa e das celebrações que aconteciam na igreja. A principal forma de organização do trabalho na agricultura era os ajuris, unindo os moradores em laços de solidariedade e amizade. Os ajuris como foi visto eram realizados de forma amigável, um ajuda o outro trocando dia sendo a forma de pagamento a mesma proporção do trabalho.

Identificou-se na comunidade Agrovila que a solidariedade estava presente entre os moradores, seja, na doação de um pedaço de carne, na troca de alimentos,



nos trabalhos nos ajuris entre varias outras ações que era visível a solidariedade estava sempre presente entre os moradores. Entretanto, As mudanças foram se fazendo ao longo dos anos, alguns de seus moradores já faleceram, outros novos moradores entraram para comunidade. A ação do INCRA foi determinante para as mudanças que transformaram radicalmente a Agrovila. A partir disso, essas experiências e singularidades aqui relatadas está presente apenas nas boas lembranças dos antigos moradores. Mudanças essas que ocorrem a partir de 2007, mas isso seria tema para outro trabalho.

Vale ressaltar a colaboração que este trabalho tem para contribuir para a academia, é que poderá instigar outros temas que talvez, não seja considerada de extrema relevância, porém nenhum tema é inferior, Assim esse trabalho nos permite conhecer ainda mais a história da comunidade, fazendo refletir sobre como este trabalho poderá levar a realização de outros trabalhos sobre comunidades que estão ligadas a cidade de Tefé.

Desse modo esse trabalho procurou-se resgatar o processo de formação da comunidade Agrovila a partir da história de vida dos moradores, nessa perspectiva os resultados foram positivos, pois ao realizar a coleta de dados entre moradores, visto que são sujeitos que viviam à margem da sociedade, em grande medida porque se encontravam de certa forma, afastados do centro urbano, vão ver suas histórias colocadas nesse trabalho, a partir do uso das falas e das memórias desses sujeitos. Para a elaboração desse trabalho utilizamos não apenas as fontes orais mais também as atas das Assembléias e o Estatuto da comunidade, e assim conseguiu-se compreender a formação da Agrovila e seus sujeitos, numa dinâmica singular no viver amazônico.

E por fim esse trabalho nos possibilitou conhecer a trajetória de vida dos moradores e todo processo que se deu a formação da comunidade, pois os moradores antes de vir morar na Agrovila possuíam sonhos de melhoria de vida, que por sinal, teve melhora, pois de onde eles vieram não tinham casa própria e nem escola para seus filhos, desse modo eles conquistaram seu trabalho, casa própria, escola para os filhos e uma forma de morar mais perto e ter acesso constante à área urbana.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edna ferreira. **Memórias de Mamirauá**. Tefé, AM: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2010.

ÁVILA, Fernanda bastos. **Solidarismo**: Alternativa para a globalização. 2ed, santuário são Paulo, 1997.

ARON, RAYMOND. **As Etapas do Pensamento Sociológico**. 7 ed, são Paulo : Martins fontes,2008.

BATISTA, Djalma. **Amazônia**: Cultura e Sociedade. 3 ed. Manaus: valer, 2006.

BOSSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 12 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. Manaus: Ed valer, 1999.

GOMES, Ângela de castro. **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

GAMA, J.R. V, Palha, M.das D.C, santos, S. R.M. dos (org). **A natureza e os ribeirinhos**. Belém. Universidade federal Rural da Amazônia, 2009.

GERBER, Rose Mary. **Entre Particularidades e Diversidades**: A Experiência de Organização de Famílias Agricultoras de Santa Catarina no Projeto de Microbacias. IN: wiggers, Raquel, Ratier, Hugo E, Rodrigues, Cintya M<sup>a</sup> c.(org), Manaus: EDUA, 2012.

HOBBSAWM, Eric j. **Sobre a História**. Trad.Cid kinipel Moreira, São Paulo: companhia das letras, 1998.

LORIGA, Sabrina. **O Pequeno X**. Da Biografia à História. Belo Horizonte: Autêntica editora 2011.

MARTINS, Eliomara Ramos. **Vida e obra de irmão Falco Wichiels e o seu envolvimento com o movimento de preservação de lagos na região do médio Solimões**. Artigo: PIBIC, Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - IDSM, 2013.

MARTINS, Eliomara Ramos. **O Trabalho das Mulheres Agricultoras no Assentamento Flora Agrícola em Tefé/AM**. Programa de Apoio a Iniciação Científica- PAIC, 2012.

MANUELA, Carneiro da Cunha, Mauro Barbosa Almeida. **Enciclopédia da Floresta**. O alto juruá: praticas e conhecimentos das populações. São Paulo, 2002.

NEVES, D.P. **OS AGRICULTORES DE VÁRZEA NO MÉDIO RIO SOLIMÕES: CONDIÇÕES SÓCIO-AMBIENTAIS DE VIDA**. IN: Magalhães, Deborah (org) Diversidade Socioambiental nas Várzeas do Rio Amazonas e Solimões:

Perspectivas Para o Desenvolvimento da Sustentabilidade, Manaus: IBAMA, pro várzea, 2005, v.1.p.101-156.

NASCIMENTO, Thatyana de Souza Marques do. **Minha casa é tudo o que tenho: Os Sentidos da Sociabilidade da Vida Cotidiana Ribeirinha.** 2014. 163f. Tese de doutorado em sociedade e cultura na Amazônia- UFAM, Manaus, 2014.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Amazônia: Território, Povos Tradicionais e Ambiente.** Manaus: editora da universidade federal do Amazonas, 2009.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Cidades na Selva.** Manaus: Ed valer. 2000.

PORRO, Antônio. **O Povo das Águas: Ensaio de Etno-História Amazônica.** Rj: vozes, 1995.

PORTELLI, Alessandro. **ENSAIOS DE HISTÓRIA ORAL.** São Paulo: letra e voz, 2010.

PESSOA, Protásio Lopes. **História da Missão de Santa Tereza D'Ávila dos Tubebas.** 1ed, novo tempo, 2000.

PRAXE, PEREIRA, WITKOSKI (org). **Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais.** Manaus: edua, 2007.

SILVEIRA, JULIA E KIVANSKI, Adriana. **História oral Como Fonte: Problemas e Métodos.** Rio Grande. Ed., 2011.

WIGGERS, RAQUEL, RATIER, HUGO F, RODRIGUES, CINTYA M<sup>a</sup> C. (org). **Comunidades Rurais: Associações e Lideranças.** Manaus, EDUA, 2012.

WAGLEY, Charles. **Uma Comunidade Amazônica: Estudo do Homem nos Trópicos.** Trad. de Clotilde da Costa, 3 ed., Belo Horizonte: Itatiaia : São Paulo: Ed da universidade São Paulo, 1988.

FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina. **Usos & Abusos da História oral.** Rio de Janeiro: editora FGV, 2000.

\_Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: Modos de Vida e Uso dos Recursos naturais. (orgs) Therezinha de Jesus Pinto Praxe, Henrique dos Santos Pereira, Antônio Carlos Witkoski - Manaus : edua, 2007.

## Anexos

### Roteiro de entrevistas

- 1) Conte como foi sua transferência para a agrovila?
- 2) Como era sua vida na agrovila até 2007? Organização, relações familiares, festas, casamento e a criação de filhos:
- 3) Como era organizada a agrovila? Questão de trabalho:
- 4) O que significa pra você o ajuri? Esse sistema de trabalho era determinante para a comunidade?
- 5) Quais eram os pontos negativos e positivos? O que você gostava ou não no ajuri?
- 6) Como eram as relações entre os vizinhos? Vocês ajudavam uns aos outros? Como?
- 7) Quais eram as brigas que ocorriam na comunidade?
- 8) Era difícil seguir as regras do estatuto? Quais eram as principais infrações?
- 9) Como era a relação com a igreja católica? Era muito rígida com os comunitários?
- 10) Como e porque se deu a transferência do título da agrovila da igreja para o INCRA?
- 11) Como era a ação da igreja na comunidade? Isso era importante pra você?
- 12) Como era a ação do INCRA na comunidade?
- 13) Isso foi bom para a comunidade?
- 14) Como a comunidade se mantinha?
- 15) Qual era a maior dificuldade que você encontrava no dia a dia?

- 16)Porque aconteciam as reuniões entre os moradores?
- 17)Havia harmonia entre os moradores?
- 18)Quais eram os seus costumes?
- 19)Como era o dia - dia no trabalho?
- 20)Como vocês faziam para ajudar o outro?
- 21)Qual o papel do presidente da comunidade?
- 22)Qual era o principal lazer dos moradores?
- 23)As reuniões ajudavam a resolver os problemas?
- 24)Você gosta de morar aqui na comunidade?